



Da crônica ao romance, do jornal ao livro: a gênese de *O coronel e o lobisomem*

Naiara Alberti Moreno*

Resumo: No ano de 2014, celebram-se o centenário de nascimento do escritor brasileiro José Cândido de Carvalho (1914-1989) e o cinquentenário da publicação de seu romance mais conhecido, *O coronel e o lobisomem*, de 1964. Como forma de homenagear José Cândido e sua principal obra, este artigo procura reconstruir um painel da produção literária do autor, sondando, em especial, as circunstâncias de criação de seu consagrado romance. Para tanto, são apresentados os resultados obtidos por meio de uma pesquisa realizada junto a periódicos da época, a qual facultou a descoberta de crônicas prenunciadoras do conteúdo do romance.

Palavras-chave: José Cândido de Carvalho; *O coronel e o lobisomem*; “O Major”; romance brasileiro; crônica.

Abstract: In 2014, it's celebrated the centenary of José Cândido de Carvalho's birth (1914-1989), a Brazilian writer, and the fiftieth anniversary of the publication of his famous novel, *The Colonel and the Werewolf*, published in 1964. As a way to honour José Cândido and his main novel, this article reconstructs a scenery of the author's literary production, highlighting especially the circumstances of creation of his novel. To this end, it's presented the results obtained through a research in periodicals of the time, which allowed the discovery of chronicles that preceded the novel's content.

Keywords: José Cândido de Carvalho; *The colonel and the Werewolf*; “The Major”; Brazilian novel; chronicle.

Em contraste com a recepção pouco calorosa da estreia de José Cândido de Carvalho (1914-1989), com o livro *Olha para o céu, Frederico!*, de 1939, seu romance *O coronel e o lobisomem* obteve, desde o lançamento, em 1964, o reconhecimento tanto do público quanto da crítica, que logo o consagraram como obra-prima da literatura brasileira. O caminho dos originais à versão impressa do livro, no entanto, não foi simples: o romance já estava pronto há algum tempo, mas houve dificuldades em encontrar uma editora que o avaliasse e o publicasse sem longa demora. A José Olympio estava com a programação de lançamentos completa para cerca de dois anos e a Civilização Brasileira, também consultada, demorava a emitir um parecer sobre a obra.¹ Ansioso por ver o livro publicado, José Cândido desistiu de aguardar o lançamento por uma editora de maior notoriedade na divulgação de romances e entregou os originais às oficinas de O Cruzeiro, empresa famosa pela edição da revista

* Licenciada em Letras (Português/Inglês) e Mestre em Estudos Literários, com ênfase em literatura brasileira pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCLAr).

¹ Cf. o discurso de Herberto Sales na cerimônia de recepção de José Cândido de Carvalho à Academia Brasileira de Letras, em 1º de outubro de 1974 (SALES, 1983, p. 312).

homônima, para a qual o autor trabalhava desde 1957, e que publicava alguns títulos então sob a direção de seu amigo Herberto Sales. Assim, o livro composto em março de 1964, pelas Edições O Cruzeiro, chegava às livrarias em maio, com uma tímida tiragem de três mil exemplares, que se esgotou em cerca de quatro meses.²

A recepção crítica da obra pelos jornais foi imediata e entusiasta: o crítico Lago Burnett, poucos dias após a estreia, comentou seu enredo na coluna “Literatura” do *Jornal do Brasil* (14 de maio de 1964, Caderno B, p. 3); Eneida de Moraes a apresentou em “Autor e livro da semana”, no Suplemento Literário do *Diário de Notícias* (28 de junho de 1964, p. 2); sobre ela, também Wilson Martins escreveu um artigo que intitulou “Uma obra-prima”, na coluna “Últimos Livros”, do Suplemento Literário d’ *O Estado de S. Paulo* (11 de julho de 1964, p. 2); Herculano Pires publicou uma resenha seriada em “Mundo dos Livros”, *Diário da Noite* (28 e 29 de julho de 1964, Caderno 2, p. 8 e p. 6, respectivamente); Leo Gilson Ribeiro, em “Caminhos da Cultura”, do Suplemento Literário do *Diário de Notícias* (13 de setembro de 1964, p. 2), afirmou ser esta “a surpresa mais agradável no setor da prosa brasileira de que temos notícia desde o encontro decisivo com a obra de Guimarães Rosa”, e, Hélio Pólvora a incluiu na análise dos romances mais importantes do ano, em “Lobisomem e Clarice no balanço”, publicada na coluna “Literatura”, no *Diário Carioca* (20 e 21 de dezembro de 1964, p. 9).

Apesar da pouca eficiência do sistema de distribuição das Edições O Cruzeiro – uma vez que o foco editorial do grupo eram as revistas e não os livros –, o romance recém-lançado passou a figurar também, ainda que esporadicamente, entre as primeiras posições nas “Preferências do leitor”, conforme enquetes semanais promovidas pelo Departamento de Relações Públicas da Distribuidora Nacional de Livros Ltda. (*Correio do Paraná*, 12 jul. 1964, p. 6 e 27 set. 1964, p. 8).³ Somando-se à acolhida da obra, vieram, então, os prêmios: Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Clube do Brasil e Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras.

Após a publicação da segunda edição, em outubro de 1965, com uma tiragem de 10.000 exemplares também pela editora O Cruzeiro, que agora exibia na contracapa os elogios de Nelson Werneck Sodré, Josué Montello, Marques Rebelo, Rachel de Queiroz e Cavalcanti Proença, seria a vez da José Olympio passar a editar o romance. Assim, em

² Uma nota publicada no *Jornal do Brasil*, em 25 de novembro de 1964 (Caderno B, Literatura, p. 3) anunciou o esgotamento do livro e o projeto de nova edição para o ano seguinte.

³ Repercussão semelhante se verificaria também por ocasião da publicação da segunda edição, segundo dados do Sindicato Nacional dos Editores de Livros publicados na seção “Os mais vendidos” do *Diário de Notícias*, em 1º de maio de 1966, p. 3.

outubro de 1970, era publicada, na prestigiada Coleção Sagarana, a terceira edição do livro, com estudos de Cavalcanti Proença, Wilson Martins e ilustrações de Poty. Na orelha, lia-se “*O coronel e o lobisomem* consagrado pela crítica” e seguiam-se os elogios de vários escritores. A partir desta nova edição, a obra conquistou, de fato, visibilidade em relação ao grande público. A aprovação no âmbito das letras exibida nesta edição repercutiu nos jornais e uma síntese dela foi fornecida pelo jornalista e crítico de arte Luís Martins (1970, p.15), ao elencar, em uma crônica de dezembro de 1970 – portanto dois meses após a impressão da terceira edição –, os nomes da ficção e da crítica que aclamaram a obra:

[...] Mas que importância tem o que digo, depois de Érico Veríssimo dizer que não hesita “em colocar *O coronel e o lobisomem* entre os vinte melhores romances da literatura brasileira de todos os tempos”? E Raquel de Queiroz confirmar: “um grande coronel e um grande livro”? E Josué Montello sentenciar: “alcança a linha da obra-prima”? E Marques Rebelo proclamar: “é um dos pontos mais altos a que chegou a literatura brasileira”? E, no mesmo diapasão, opinarem R. Magalhães Junior, Alceu Amoroso Lima, Nelson Werneck Sodré, Adonias Filho? Que ressonância pode ter a minha débil voz nesse impressionante coro de louvores? Não importa. O importante é não desafinar. E eu não desafino: *O coronel e o lobisomem* é, de fato, um grande livro. (Agora em terceira edição). (*O Estado de S. Paulo*, 03 dez. 1970, Caderno Geral, Crônica, p.15).

O público leitor, por sua vez, respondia também ao “coro de louvores”, de modo que a obra se tornou em pouco tempo um *best-seller*, conforme afirmou Tavares de Miranda (1971, p.14), em nota “O louvor do lobisomem”, de janeiro de 1971: “O grande êxito de livraria no momento é o livro de José Cândido de Carvalho, *O coronel e o lobisomem*, romance dos tempos da Guarda Nacional, que o crítico Wilson Martins considerou verdadeira obra-prima da literatura brasileira”. Dessa popularidade emergente com a edição da José Olympio foram também testemunhas as relações dos livros mais vendidos divulgadas nos jornais, como as publicadas no *Jornal do Brasil* entre 1971 e 1973, período de intensa presença do romance na imprensa. Todo esse sucesso propiciou, em 1974, a acolhida de José Cândido de Carvalho pela Academia Brasileira de Letras, que o elegeu “imortal”, destinando-lhe a cadeira número 31, em sucessão a Cassiano Ricardo.

Tal repercussão nacional projetou o romance ao exterior ainda na década de 1970, quando foi publicado em Portugal (1971), na Argentina (*El coronel y el lobisón*, Trad. Haydeé M. Jofre Barroso, editora Sudamericana, 1976), na França (*Le colonel et le loup-garou*, Trad. José Carlos Gonzales, editora Gallimard, 1978) e na Alemanha (*Der Oberst und der Werwolf*, Trad. Roman Suhrkamp, editora Suhrkamp, 1979).⁴ O livro ganhou também

⁴ Apesar das tentativas de experientes tradutores, a versão em língua inglesa não se concretizou “devido às dificuldades de se encontrar as palavras certas para os personagens naquele idioma” (*Jornal do Brasil*, 01 dez. 1974, Caderno RJ, p. 4).

duas adaptações cinematográficas (uma de 1978, que concorreu ao Festival de Cannes, dirigida por Alcino Diniz, e a outra de 2005, sob a direção de Maurício Farias) e duas versões televisivas (a primeira foi produzida pela TV Cultura em 1982, em formato de teleromance, e reformulada em 1986, como minissérie com mais de 30 capítulos, dirigida por Arlindo Barreto; e a segunda foi realizada em 1994 pela Rede Globo, para a série Brasil Especial, sob direção de Guel Arraes e roteiro de Jorge Furtado). Paralelamente a essa propagação para outras línguas e linguagens, a publicação do romance *O coronel e o lobisomem* tornou-se ininterrupta no Brasil, de modo que, atualmente, a obra já se encontra em sua 58ª edição, com mais de 400.000 exemplares⁵ impressos apenas pela José Olympio, afora os números de outras empresas que também a editaram, como Círculo do Livro e Rocco.

O sucesso do romance foi tamanho que, paradoxalmente, “apequenou” seu autor. A famosa criação, o Coronel Ponciano de Azeredo Furtado, já quase prescindia de seu criador e das outras criaturas ficcionais que lhe eram congêneres. Com isso, José Cândido se tornou conhecido basicamente pelo epíteto “autor de *O coronel e o lobisomem*”. Assim, após o sucesso efervescente na década de 1970 e o falecimento do autor, em 1989, seu nome e o restante de sua produção sofreram um aparente processo de apagamento, responsável, em parte, por intensificar a injusta marca que levaria de “escritor de uma obra só”. Por isso, a despeito do centenário de seu nascimento, comemorado neste ano de 2014, o autor e, por consequência, sua obra (que não se restringe ao aclamado livro) certamente ainda não dispensam apresentação.

Dessa maneira, convém assinalar que “o autor de *O coronel e o lobisomem*” atuou, ao longo de toda sua trajetória, não apenas como romancista e homem de Letras, como costuma ser lembrado, mas também, e principalmente, como homem de imprensa, participando ativamente da vida jornalística do país, tanto que, mesmo após a consagração por seu premiado livro, José Cândido de Carvalho preferia ser chamado de jornalista, como afirmou em várias ocasiões: “Vivo exclusivamente para e do jornalismo e só escrevo [romances] nas folgas” (CARVALHO, 1964, p. 2); “Sou um jornalista que vez por outra vai ao romance” (CARVALHO, 1973, p. 22); “Sempre fiz jornalismo. [...] Jornalismo é o que gosto de fazer. Faço com um pé nas costas” (CARVALHO, 1983, p. 5).

De fato, José Cândido de Carvalho, fluminense da cidade de Campos dos Goytacazes, desempenhou intensa atividade jornalística, colaborando em diversos e importantes jornais e

⁵ Valor estimado, considerando-se informações fornecidas pela atual direção editorial da José Olympio, que desde 2001 integra o Grupo Editorial Record.

revistas.⁶ Em sua cidade natal, já em 1930 e com apenas 16 anos, foi revisor do semanário *O Liberal*, e, a partir disso, passou a exercer funções de redator e colaborador em periódicos locais, como a *Folha do Commercio*, que contava com Raimundo Magalhães Júnior, um dos jornalistas mais prestigiados da época, o jornal *O Dia*, onde passou a comentar política internacional, e ainda a *Gazeta do Povo* e o *Monitor Campista*.

Bacharelado-se em Direito em 1937, mudou-se para o Rio de Janeiro e, em 1939, indicado por Vargas Neto (neto de Getúlio Vargas) a Vasco Lima, foi convidado a trabalhar em *A Noite*, jornal de grande circulação que chegou a publicar impressionantes quatro edições diárias. Nele permaneceria como redator por 18 anos, assinando, entre outros textos, crônicas humorísticas sobre o conflito da segunda Guerra Mundial, que eram publicadas na coluna “Nota Internacional”. Mantendo a colaboração neste jornal, passou a dirigir, em 1943, o diário fluminense *O Estado*, a convite de seu amigo Amaral Peixoto, então interventor do Estado do Rio. Note-se que ambos os jornais estiveram submetidos ao controle do governo ditatorial de Getúlio Vargas: *A Noite* fora encampada em 1940, após decreto que a integrava às denominadas Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional (FUNDAÇÃO..., [s.d.]) enquanto que *O Estado* fora porta-voz do governo estadual, conforme o próprio escritor afirmara: “Era um jornal do Governo que, portanto, fazia política do Governo. Era um jornal pertencente às Empresas Incorporadas” (CARVALHO, 2004, p. 81). José Cândido esteve, portanto, desde o princípio de sua atuação na imprensa, integrado a um círculo de figuras influentes na política nacional no período do Estado Novo.

Em 1957, com o fechamento do jornal *A Noite* pelo novo governo, José Cândido começou a atuar junto aos Diários Associados, corporação que, fundada por Assis Chateaubriand, já foi a maior da história da imprensa brasileira, reunindo numerosos e importantes jornais, revistas, rádios e emissoras de televisão. O princípio de sua participação no grupo ocorreu, quando, a convite de Herberto Sales, tornou-se redator e chefe do departamento de copidesque de *O Cruzeiro*, revista de maior tiragem do país na época, e na qual permaneceu até seu fechamento, em 1975. Nela assinou a coluna de textos humorísticos “O impossível acontece”, bem como as seções “O Gramofone”, que se tornaria “Jornal de JCC”, e “Quem é você?”, dedicada a entrevistas. Além disso, dirigiu a edição internacional da revista e também colaborou como cronista em outros periódicos do grupo: *O Jornal*, onde

⁶ As informações sobre as atividades profissionais do autor foram consultadas e reorganizadas a partir da comparação entre os seguintes materiais: texto de apresentação do autor por ele próprio “JCC: uma história pessoal” e pela José Olympio “Sobre o autor” (CARVALHO, 2007, p. 7-12); estudos críticos e biográficos (BACEGA, 1983), (FERREIRA, 2004), (NINA, 2011) e discurso de recepção de José Cândido de Carvalho à Academia Brasileira de Letras (SALES, 1983). Outras informações específicas, provenientes de entrevistas, matérias e notas localizadas em jornais, serão identificadas quando mencionadas.

assinava a coluna “Diário de JCC”; e *A Cigarra*, revista mensal editada pelas oficinas de *O Cruzeiro*. Entre 1957 e 1959, escreveu crônicas também para o *Jornal do Brasil*, quando o periódico encontrava-se em fase de revitalização sob a direção de Odylo Costa Filho. Colaborou, ainda, até os últimos meses de vida, com publicações regulares nos periódicos *O Fluminense*, *Revista Nacional* e *Jornal do Commercio*.

Paralelamente a essa intensa atividade jornalística, José Cândido desempenhou cargos públicos que o aproximaram da vida política do país: foi redator do Departamento Nacional do Café (Ministério da Indústria e do Comércio); diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), do Estado do Rio de Janeiro – órgão vinculado ao DIP, maior instrumento coercitivo da liberdade de imprensa durante o Estado Novo⁷ – e chefe da Divisão de Divulgação da Imprensa Estadual Fluminense.⁸ Sempre bem relacionado com próceres do governo, em 1970, auge da ditadura militar sob o comando do general-presidente Emílio Garrastazu Médici, foi nomeado diretor da Rádio Roquette-Pinto, cargo que ocuparia até 1974, quando passou a assumir a direção do Serviço de Radiofusão Educativa do MEC, a qual deixou em 1976. Ainda nesse período, em 1975, foi eleito presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, órgão que teve suas atividades encerradas em 1983, pelo então governador estadual Leonel Brizola. Foi também presidente, entre 1976 e 1981, da Fundação Nacional de Arte (Funarte), a convite do ministro Ney Braga; entre 1982 e 1983, do Instituto Municipal de Cultura do Rio de Janeiro (RioArte) e, a partir de 1984, da Fundação de Atividades Culturais de Niterói (FAC), atual Fundação de Arte de Niterói (FAN), em cuja sede se construiu, em 1988, a Sala José Cândido de Carvalho, em sua homenagem.

Mesmo com essa ampla e agitada atuação junto à imprensa e ao serviço público, José Cândido conseguiu desenvolver, para além dos romances mencionados, uma considerável produção ficcional que, na realidade, não necessariamente se opunha ao jornalismo, ao contrário, antes nele se formava e desenvolvia. Desse modo, a partir da imprensa, o escritor circulou por outros gêneros, entre os quais a crônica, a crônica política, o conto, o microconto e a biografia “estilizada”, todos eles cultivados com a linguagem e o humor que lhe eram

⁷ Essa ocupação, que não é mencionada em suas biografias e textos de apresentação, aparece noticiada no jornal *A Noite* (2 jun. 1943, p. 3), em que se informa: “Por ato do governo do Estado do Rio, foi nomeado para o cargo de diretor da Divisão de Imprensa do DEIP, recentemente criado, o nosso companheiro de redação José Cândido de Carvalho”.

⁸ A respeito dessa nomeação, também noticiada em *A Noite* (14 fev. 1949, p. 3), afirma-se (IMPrensa..., [s.d.]): “[...] Na década seguinte [em 1950] o Diário Oficial fez o que bem se pode considerar sua melhor aquisição no período: a de José Cândido de Carvalho, extraordinário escritor e extraordinária figura humana, nomeado a 14 de fevereiro de 1949 para chefiar a recém-criada Divisão de Divulgação. Seu papel era coordenar a edição de livros que interessavam à história, literatura, ciências e artes do Estado, dando continuidade ao programa que Oliveira Rodrigues vinha executando com louvor desde 1942”.

peculiares. Alguns de seus textos nascidos no jornal ganharam o *status* de permanência que o suporte em livro lhes assegurou. Assim, foram publicados, a partir da década de 1970: *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon* (1971) e *Um ninho de mafagafes cheio de mafagafinhos* (1972), ambos com o subtítulo “contados, astuciados, sucedidos e acontecidos do povinho do Brasil”; *Ninguém mata o arco-íris* (1972), espécie de biografias curtas e criativas a que o autor chamou de “retratos 3x4”; *Se eu morrer telefone para o céu* (1979); e os títulos *Manequinho e o anjo de procissão* (1974) e *Os mágicos municipais* (1984), seleções de contos e crônicas já publicados nos outros livros. No entanto, há ainda muitos outros textos anteriores a esse período que, por alguma razão, não contaram com a mesma intenção, por parte do autor, de constituírem legado à posteridade e, com isso, continuam espalhados nos jornais e revistas nos quais colaborou.

Entre esses textos não publicados em livro, encontrou-se uma narrativa que importa em especial à compreensão do percurso criativo do romance *O coronel e o lobisomem*: trata-se de uma crônica de 1958 em que aparece, pela primeira vez, a figura de Ponciano de Azeredo Furtado, não como “o coronel”, como conquistou fama e lugar na literatura brasileira, mas como “O Major”, título do texto. Ao que consta, essa narrativa, que teria motivado a escrita do romance e que será comentada adiante, permanece ainda inédita em livro, além de não ter sido recuperada para análise pelos estudiosos do autor. Antes, no entanto, de proceder a uma leitura contrastiva da crônica e do romance, convém esclarecer outras circunstâncias que envolveram essa produção e que dizem respeito ao processo criativo do autor.

Em 1974, Herberto Sales, o primeiro editor de *O coronel e o lobisomem*, menciona esse texto em seu discurso de recepção a José Cândido de Carvalho na Academia Brasileira de Letras, e conta como a narrativa, de crônica, passou a romance. No entanto, nesse discurso, ao reconstruir uma conversa que tivera há anos com o autor, Sales afirma que a crônica aparece, na fala de José Cândido, com o mesmo título do romance:

[...] continuáveis autor de um único livro. [...] Foi quando, à falta de originais de um novo livro, concordastes, por insistência minha, em supri-la mediante o expediente de uma reunião, em volume, das vossas “historinhas”. Combinamos que elas apareceriam sob a designação de “crônicas”, gênero de boa tradição editorial no Brasil e para o qual havia um público certo. No fundo, temíamos que a designação de “historinhas” pudesse de alguma forma amofinar o volume. Por fim, um belo dia, me entregastes os originais tantas vezes reclamados. Li o título: *O coronel e o lobisomem*.

– Mas é um título excelente! – exclamei.

E vós me esclarecestes:

– Tirei-o de uma das minhas crônicas para o *Jornal do Brasil*. Aliás, é a crônica que abrirá o volume.

Assinamos imediatamente o contrato de edição. Entretanto, como as oficinas de O Cruzeiro estavam com uma avassaladora sobrecarga de trabalho, e em fase de instalação de novas

máquinas, os originais dormiram em minha gaveta um longo sono de mais de um ano. E o mais curioso é que vós, ao contrário da maioria dos autores em tais circunstâncias, não demonstráveis nenhuma pressa em ver o livro na rua. Uma tarde, porém, entrastes na minha sala para me pedir de volta os originais.

[...]

– Calma, rapaz. Seu livro entrará em composição na próxima semana.

– Não se trata disto – me respondestes.

E procurando tranquilizar-me:

– É que resolvi transformar em romance *O coronel e o lobisomem* (SALES, 1983, p. 311-312).

A referência ao *Jornal do Brasil*, como o periódico em que a crônica foi publicada, procede, no entanto, o título com que o texto, de fato, se apresentava, no jornal, não era ainda “O coronel e o lobisomem”, como é mencionado. Se, na época da entrega dos originais, a reunião de crônicas em que o texto sairia já se encontrava sob este título, José Cândido certamente o havia alterado ao transpô-lo do jornal à compilação. E Sales, por sua vez, talvez tenha se confundido, com a distância de anos, ao atribuir a José Cândido a afirmação de que o título já existia no jornal – talvez, na ocasião, este tenha se referido à existência prévia do texto, não propriamente do referido título. Em todo caso, a crônica “O Major” foi localizada no *Jornal do Brasil*, na edição de 16 de agosto do ano de 1958, primeiro caderno, terceira página. A data da narrativa no jornal e o depoimento de Herberto Sales demonstram que o projeto de transformá-la em romance levaria certo tempo a tomar forma. A figura de Ponciano e seu universo de lobisomens já se desenhavam no imaginário de José Cândido há, portanto, pelo menos seis anos antes de se tornarem famosos em livro.

Além disso, retrocedendo ainda mais na produção do autor, é possível encontrar, inclusive, as origens da crônica “O Major”, pois parte considerável de seu enredo já havia surgido em 1951, em uma crônica intitulada “A Guerra do Paraguai em pessoa”, publicada em *A Noite* (5 dez. 1951, p. 5). A crônica “O Major” consiste, portanto, em uma reformulação dessa outra narrativa que a antecedeu em sete anos, dela diferindo principalmente pela inclusão de novas passagens e pela alteração do nome do protagonista que, de Major Alfredo Assumpção Bragança, em 1951, passa, em 1958, a Major Ponciano de Azeredo Furtado, antecipando, assim, nome e sobrenomes do protagonista do romance de 1964. Portanto, embora José Cândido tenha demorado a publicar *O coronel e o lobisomem*, o que se verifica por sua produção ficcional na imprensa é um longo processo de maturação de alguns elementos que depois comporiam essa que foi sua obra de maior sucesso.

Na verdade, aprofundando este exercício de escavação que tem algo de crítica genética, reconhece-se que a ideia do autor de escrever um romance era gestada em momento ainda anterior ao período de publicação dessas crônicas. Esse lento projeto de criação, que só se concretizaria em 1964, deixou indícios de seu percurso em diferentes materiais. Já em

1950, 14 anos antes do lançamento de *O coronel e o lobisomem*, foi publicada na imprensa uma nota intitulada “A volta de José Cândido de Carvalho”, em que se anunciava um novo romance do autor: “Consta que José Cândido de Carvalho possui, inédito, um romance, intitulado ‘Porto de Angústia’. Assim sendo, é mais do que possível que em breve o jovem escritor fluminense o lance” (*A Manhã*, 20 ago. 1950, Suplemento Letras e Artes, p. 6). No entanto, contrariando as expectativas, esse título nunca foi publicado pelo autor.

Passados três anos, em 27 de outubro de 1953, José Cândido admitia possuir ainda “um romance nos estaleiros”, em crônica intitulada “Conversa sem importância”: “O meu famoso amigo Lúcio Cardoso, lembrando velhas conversas de mesa de café, espalhou a nova de que tenho um romance nos estaleiros. Humildemente, como certas figuras da Bíblia, vos digo que sim. Aconteceu há muito tempo” (CARVALHO, 1953, p. 27). Já por essa contextualização que inicia a crônica, é possível perceber que o texto aproxima-se da construção de um espaço biográfico, por meio do qual se identifica a voz do “cronista-narrador” como uma figuração do autor empírico ou, ainda, como uma *persona* do autor. A partir desse preâmbulo, o cronista narra como os originais de um romance que produzira inspirado na paisagem de uma pacata cidade foram rejeitados pelo diretor de um jornal, sob a alegação de conterem períodos muito curtos e, com isso, aparentarem escrita de um “revolucionário” ou “anarquista”. O cronista então relata como que ele, revolucionário aspirante a escritor, e o diretor do jornal, retrógrado e conservador, começaram a trocar farpas nos jornais. Interessa observar que a caracterização do diretor do jornal denota um sujeito apegado ao passado, a um estilo de escrita em desuso, tossindo “seu catarrinho de 1830” e fungando “à maneira de 100 anos atrás” (CARVALHO, 1953, p. 27). Entre esses elementos que ressaltam seus modos antiquados, encontra-se um que será caro também à figura do Ponciano romanesco: a “farda de major da Guarda Nacional” – salvo a diferença hierárquica, pois o Ponciano do romance, em vez de major, foi alferes, capitão e, por fim, coronel, portanto, “Oficial Superior” da Guarda Nacional. Finalmente, no desfecho da narrativa, o cronista conta como, após o desentendimento com o diretor do jornal, partiu da pequena cidade levando consigo o projeto de criação de um novo romance:

Enfim, lá se foi o trem levando a revolução que eu era. E enquanto a maquinazinha comia os trilhos, pensei, sem mágoas e sem rancores, como seria gostoso arrumar todo aquele mundo em páginas de livros e pedir ao bom José Olímpio que lhe desse prestígio e vida. E foi assim, num pacato trezinho de estrada deficitária a 20 quilômetros por hora, que nasceu o meu romance. O balzaquzinho de porão que sempre viveu em mim, pulou para fora. E agora, José? (CARVALHO, 1953, p. 27).

Como se pode observar, aparecem outros elementos, além da menção ao amigo e também escritor Lúcio Cardoso, que confirmam a instauração de um fundo biográfico na narrativa, agora evidenciado na referência ao editor José Olympio, a quem José Cândido mais tarde realmente procuraria para lançar *O coronel e o lobisomem*, e na utilização do próprio nome “José” ao referir-se a si mesmo, parodiando o famoso poema de Carlos Drummond de Andrade. Logo, compreendida a presença da voz de José Cândido no texto, pode-se daí chegar a algumas hipóteses: como até a época da publicação desta crônica não havia ele conquistado fama como ficcionista, utiliza a expressão “balzaquzinho de porão” para referir-se à propensão, que nele continuava a existir, ao romance. “Balzaquzinho”, no diminutivo, indicia ainda certo menosprezo ou modéstia em relação à sua capacidade criadora, como que demonstrando consciência de suas próprias limitações enquanto romancista.

Vale esclarecer, nesta altura, que se sua estreia literária com o romance *Olha para o céu, Frederico!*, em 1939, não lhe conferiu significativa notabilidade, muito menor foi a repercussão de uma narrativa de mais de 200 páginas que fez para crianças, em 1941, intitulada *Pinóquio à procura de Branca de Neve*. Assinada apenas por “Cândido de Carvalho”, a narrativa fantasiosa e voltada ao público infantil foi ilustrada pelo desenhista Solon Botelho e composta pela editora Getúlio Costa, em pleno ápice da Segunda Guerra Mundial.⁹ A obra, todavia, parece ter sido renegada pelo próprio autor (Cf. CARVALHO, 2004, p. 113-114), tanto que nunca foi reeditada, sendo hoje raríssimas as cópias conhecidas e as ocasiões em que a ela se faz menção. Com isso, José Cândido continuava, na década de 1950, quase que ignorado pela cena literária. Tanto que, antes dele próprio se assumir como um “balzaquzinho de porão”, essa já vinha sendo, de certo modo, a imagem dele construída pela imprensa, como demonstra uma nota intitulada “Romancista esquecido”, publicada em *A Noite* na coluna de Augusto Maia (1952, p. 3), em que é mencionado como um escritor a quem a carreira de jornalista havia roubado da literatura:

Falava-se do jornalismo, responsável pelo corte de muitas carreiras literárias: - Querem um exemplo fluminense? [...] O Zé Cândido de Carvalho, diretor de “O Estado” e da Imprensa Estadual. Revelou-se como romancista, publicando o *Olha para o céu, Frederico!* e se meteu em jornal. Hoje, nem para o céu o rapaz olha mais: seu tempo é pouco para atender aos vários jornais onde trabalha...

⁹ A propósito do lançamento do livro, Paulo Cabral publicou uma resenha intitulada “Um escritor para crianças”, na qual afirmava: “*Pinóquio à procura de Branca de Neve* é um verdadeiro romance, obra de ficção que os garotos de todas as idades lerão com prazer. Mesmo aqueles que já vão descendo a curva da longa estrada, encontrarão nas páginas de Cândido de Carvalho muita coisa para se desintoxicarem do ambiente que se respira hoje, trágico e doloroso. O livro [...] demonstra que no mundo ainda há lugar para o riso...” (*A Noite*, 21 dez. 1941, p. 4).

O próprio José Cândido, em entrevista a *O Globo*, ratificaria, anos mais tarde, essa imagem de “romancista esquecido” que dele se fez enquanto não publicava outro romance: “Meu primeiro livro (*Olha para o céu, Frederico!*) ficou na segunda edição até 1947. Durante 25 anos não tratei mais de literatura, deixei de gostar. Dediquei-me a ser diretor de jornais fluminenses. Era um autor desaparecido” (CARVALHO, 1974, p. 33). Por outro lado, a afirmação do autor de que deixara de tratar e de gostar de literatura por 25 anos parece contrastar com o que se pode observar nos jornais do período, ao noticiarem seus projetos literários. Nesse sentido, o que se pode realmente constatar é que, depois de estreiar no romance em 1939 e publicar um livro infantil em 1941, José Cândido mantivera-se cerca de uma década afastado da ficção romanesca, mas, passado esse período, não demorou muito – os 25 anos que alega – a começar a planejar e a amadurecer a ideia de escrever um novo livro. Assim, à publicação dessas obras de 1939 e 1941, seguiram-se, anos mais tarde – recapitulando, cronologicamente: o anúncio frustrado de “Porto de Angústia”, em 1950; a crônica “A guerra do Paraguai em pessoa”, em 1951, que seria reformulada, em 1958, como “O Major”; e a crônica “Conversa sem importância”, de 1953, que, informando um romance em construção, já apresentava indícios dos elementos que seriam desenvolvidos na obra de 1964. Ainda na década de 1950, o projeto do “balzaquzinho de porão” de escrever uma nova obra continuava a alimentar a expectativa da imprensa de que o “romancista esquecido” ressurgisse:

Novo livro de José Cândido de Carvalho

José Cândido de Carvalho, que estreou em 1939, com *Olha para o céu, Frederico!*, romance do drama do açúcar na baixada fluminense, prepara um novo livro, desta vez ainda um romance. É ainda a paisagem fluminense que inspira o Sr. José Cândido de Carvalho. O cenário do seu livro é precisamente aquele do fim de império e começo da República (PACHECO, 1954, p. 36).

Como se pode notar, nesse anúncio assinado por Armando Pacheco, em 1954, José Cândido já pretendia escrever um livro cujo cenário fosse a “paisagem fluminense” do final do século XIX, tal como o seria *O coronel e o lobisomem*. Em 1954, portanto, se a figura de Ponciano e o título do livro não haviam ainda aparecido, a intenção, ao menos, de escrever um romance com as características daquela que seria sua obra mais conhecida já era evidente. A obra, talvez, até se chamasse “Ventania em agosto”, como comprova uma interessante correspondência de 1957, encontrada nos arquivos digitais da ABL (CARVALHO, 1957), por meio da qual José Cândido dá notícias de um novo livro a seu amigo, jornalista e crítico literário, Nelson Werneck Sodré:

Prezado amigo Nelson, não sei se coronel, não sei se general:

Junto mando um exemplar do velho e desmoralizado “Frederico”. Não me esqueço de que você foi o melhor padrinho literário que ele teve nos remotos dias de 1939. Já tenho outro romance preparado que o José Olímpio vai publicar: “Ventania em agosto”. Tenho a honra de dedicar o catatau a você. É a minha homenagem a um homem de ideias (sic) e de raro talento.

Abrços do seu admirador constante,

José Cândido de Carvalho.

Rio, 20/11/1957.

O bilhete, escrito em papel timbrado da editora O Cruzeiro, onde José Cândido trabalhava na época, contém alguns detalhes curiosos pelas coincidências em relação ao processo de construção de *O coronel e o lobisomem*. Por exemplo, logo na saudação, o autor utiliza como aposto ao vocativo as frases “não sei se coronel, não sei se general”. Além de ser referência ao compêndio de contradições que definiu a vida de Sodré,¹⁰ a oscilação de titulações militares se daria, posterior e coincidentemente, nas patentes de Ponciano, em suas diferentes figurações, na crônica (major) e no romance (coronel). Além disso, o título prometido, “Ventania em agosto”, revela a atmosfera do romance dado como pronto, que certamente remete, considerando-se o enredo do livro de 1964, a um período de tragédias, conforme ideia também sintetizada nos ditos populares “agosto, mês do desgosto” ou “agosto, mês do cachorro louco”, podendo indicar inclusive a presença do lobisomem na narrativa. Vale lembrar que a promessa de dedicar o “catatau” ao amigo foi cumprida, no entanto, somente na terceira edição de *O coronel e o lobisomem*, pois, por alguma razão, a primeira fora dedicada apenas a seu pai e a seus amigos Herberto Sales e Aurélio Buarque de Holanda. Outro detalhe é que o autor reafirma no bilhete o que dissera na crônica “Conversa sem importância”, de 1953, quanto à intenção de que o livro fosse publicado pela editora de José Olympio.

Na sequência, em agosto de 1960, exatamente dois anos depois da publicação da crônica “O Major”, sairia uma nota, na coluna “Cartaz I” do *Diário Carioca*, que anunciava: “*O coronel e o lobisomem* é o novo romance de José Cândido de Carvalho, autor de *Olha para o céu*, *Frederico!*. O livro, que conta a história de um fazendeiro (arruinado) de Campos, está pronto para ser entregue ao editor” (*Diário Carioca*, 14-15 ago. 1960, Suplemento dominical, Letras e Artes, p. 3). Apesar de o editor não ter sido nomeado pela notícia, pode-se inferir que fosse alguma das editoras que José Cândido procurara antes de decidir publicar o romance pelas edições de O Cruzeiro. Já para esta editora, entregaria os originais apenas em julho de 1963: “O jornalista José Cândido de Carvalho, que publicou há anos o romance *Olha*

¹⁰ No momento em que escreve José Cândido, Nelson Werneck Sodré (1911-1999) já havia alcançado, em sua carreira junto ao Exército, o posto de general-de-brigada, conciliando essa função a sua formação como sociólogo, historiador de orientação marxista e crítico literário. Em agosto de 1961, quatro anos após essa correspondência, o historiador militar foi promovido, por antiguidade, a coronel, último posto da carreira no Exército. (IPEA, 2011).

para o céu, *Frederico!*, vem de entregar (sic) à Editora Cruzeiro um novo livro, romance também: *O coronel e o lobisomem*” (CAMPOS, 1963, p.3). O desejo do autor de ver sua obra editada seria, portanto, concretizado somente em maio de 1964, mês de impressão do romance pela editora O Cruzeiro, que o distribuiu às livrarias no começo de julho. É importante frisar que a descoberta dessas datas elimina a legitimidade de leituras que busquem compreender o romance como uma crítica ou sátira direta ao período ditatorial instaurado no Brasil no ano de publicação do livro.

Ao revelar as etapas de seu processo de criação, esse percurso demonstra que o autor não permaneceu durante 25 anos completamente distante do romance, uma vez que vinha, há anos, amadurecendo os elementos que mais tarde empregaria em sua célebre narrativa. Assim, compreende-se também que muito da autoimagem de escritor “preguiçoso” (CARVALHO, 2004, p. 109), criada por ele para justificar a pouca produção romanesca, deve-se, antes, a uma busca de aperfeiçoamento e esmero do que, propriamente, ao ócio alegado. Também por isso, não só *O coronel e o lobisomem* demorou a ser escrito. Processo semelhante seguiu seu romance *O Rei Baltazar*, com a grande diferença de que este sequer chegou a ser lançado em vida do autor,¹¹ que o prometia como último livro de sua carreira. Com o processo de elaboração noticiado desde março de 1974 (FARIA NETTO, 1974, p. 3), o romance teve seu lançamento anunciado ainda para aquele ano (*Jornal do Brasil*, 01 set. 1974, Caderno RJ, p. 4), no entanto, José Cândido faleceu em agosto de 1989, 15 anos depois do anúncio e exatamente 25 anos após a publicação de *O coronel e o lobisomem*, deixando-o inacabado.

Em uma de suas últimas entrevistas, José Cândido explicava, com o humor que lhe era peculiar, a demora em lançar o livro por tão longo tempo prometido: “Eu só escrevo quando estou muito inspirado. Quer dizer, inspiração minha é muito rara, porque eu não sou como o Jorge Amado, que tem inspiração 24 horas por dia. Eu só tenho inspiração de três em três meses” (CARVALHO, 2004, p. 109). E, entre sério e trocista, afirmava que escrevia apenas por necessidade: “É a tragédia de não ser rico: a gente tem que escrever e ler” (CARVALHO, 1971, p. 2). A dificuldade de escrever, segundo ele “um carregar pedras sem fim” (CARVALHO, 1984, p. 11), era outra razão dada para explicar sua demora em publicar. Apesar de não gostar de conceder entrevistas, as poucas que deixou são também elucidativas de seu lento e árduo processo de criação. Nelas relatou sua luta com as palavras, principalmente com os adjetivos, com as personagens que pareciam adquirir vida própria e

¹¹ Atual responsável pelas edições da José Olympio, Maria Amélia Mello informou que o lançamento de *O Rei Baltazar* está previsto para 2014, ano de comemoração do centenário de nascimento do autor. Breves trechos do romance foram divulgados por Cláudia Nina (2011, p. 131-135), com quem se encontram os originais da obra em preparo para a edição.

com a dificuldade de encontrar a linguagem adequada ao perfil de seus narradores. Suas declarações sobre a relação conflituosa que mantinha com a escrita soam até irônicas, não por parecerem inverdades, mas, pelo contraste que estabelecem com sua condição de jornalista, romancista consagrado, contista, cronista e membro da Academia Brasileira de Letras, ocupações todas centradas no uso da palavra. Nesse sentido, afirmou em depoimento concedido a Maria Aparecida Bacega:

Escrever, para mim, é uma danação. Eu não gosto de escrever. [...] A pessoa normal, um escritor como eu – um pequeno escritor – tem que se contentar com isso mesmo: escrever com dificuldade. Eu escrevo, reescrevo. Quando escrevo uma página, fico muito contente.

[...]

Travo uma luta terrível com o adjetivo. Não sou uma pessoa fácil de escrever. Escrevo uma cópia, duas, três. Mesmo nos meus artigos de jornal – escrevo para um jornal de Niterói chamado *O Fluminense* – faço duas, três cópias para chegar à versão definitiva. Não que eu seja pessoa perfeccionista, não. É do meu temperamento: mudo muito as coisas. (CARVALHO, 1983, p. 6).

Se a exigência era tamanha mesmo em relação às publicações periódicas, sujeitas à efemeridade pelo próprio suporte, quanto mais em relação à escrita destinada à publicação em livros, que implicam certa condição de permanência. Sobre esse esforço, admitiu: “Neles [nos livros] coloquei o que tenho de melhor em escrever e romancear. Sou de raro trabalhar. Só de muitos anos em muitos anos é que desovo obra” (CARVALHO, 1984, p. 11). Ademais, a preocupação do autor não se limitava ao apuro da linguagem e do estilo. Os detalhes do conteúdo das obras foram também produto de intensa dedicação e pesquisa. Sobre esse trabalho envolvido na composição de seus livros, a biógrafa Cláudia Nina (2011, p. 52) comenta que o autor “[...] Fazia pesquisas tão minuciosas que, segundo sua filha Laura, havia listas de dezenas de tipos de capim que costumava investigar. E não só capim. Há listas de pássaros, patos, cobras, vegetação de lagos, árvores, peixes e até marrecas e ruas de Campos”. Com isso, percebe-se a dimensão de seu empenho para com a escrita ficcional.

Ainda nesse sentido, entre os gêneros ficcionais que cultivou, elegeu o romance como o de maior complexidade:

Romance é assunto dificultoso para um papa-goiaba do Largo da Batalha de Niterói como eu. É que escrevo complicado, meio sobre o barroco. Limpo a escrita três ou quatro vezes. Só depois, com muito suor e lágrimas, é que a coisa vai ficando menos samburá de caranguejo, clareando (CARVALHO, 1984, p. 11).

A escolha desse gênero proteico e multiforme como o de maior dificuldade para composição pode ser compreendida também em função de uma autoexigência do autor bastante peculiar – uma de suas “limitações”, como ele dizia – em relação a sua produção romanesca: “eu não gosto de me imitar”, declarava (CARVALHO, 2004, p. 100). Imitar-se

corresponderia, segundo ele, a repetir o tipo de linguagem de um romance para o outro. Como criador de personagens marcantes, seus três romances (inclusive o que deixou inédito) são narrados em primeira pessoa: *Olha para o céu, Frederico!* é narrado por Eduardo, sobrinho de Frederico, em uma narração homodiegética; *O coronel e o lobisomem* aparece na voz do próprio coronel Ponciano, narrador autodiegético, e *O Rei Baltazar* é contado por Diogo Maldonado de Sá, também narrador-protagonista.¹² Mas, para José Cândido, não bastava criar personagens diferentes, era preciso desenvolver também uma nova linguagem para cada uma delas. O autor defendia que a linguagem do seu primeiro romance para o segundo era diferente e que assim deveria ser com o novo livro. E explicava:

[...] para eu fazer a linguagem de *Frederico*, eu faria dez livros. Como, hoje, eu faria dez livros na mesma linguagem de *O coronel*? [...] Veja bem. O nosso Guimarães Rosa fez um livro, mas ele chegou, a linguagem dele era a mesma em todo lugar. E eu, então, não gosto. Eu gosto de fazer outra linguagem (CARVALHO, 2004, p. 100).

Como a personagem do último romance seria um “tabelião juramentado”, José Cândido buscou criar uma linguagem que fosse condizente à visão de mundo desse profissional, uma “linguagem de tabelião”: “Você imagina um tabelião na cama, amando, falando em linguagem de tabelião? [...] amando, como se fizesse um ofício” (CARVALHO, 2004, p. 73). Para empreender essa difícil missão, segundo Cláudia Nina (2011, p. 133), o autor pesquisou intensamente a linguagem utilizada por escrivães, “construindo toda a narrativa com um linguajar que beira o estilo quinhentista”.

Com base no conhecimento da linguagem dos romances de 1939 e de 1964, é possível afirmar que, embora haja um visível e maior investimento nos recursos linguísticos deste último, deve-se admitir, naquele, a existência de uma temática e de certos “lampejos” estilísticos anunciadores de sua obra consagrada. Do mesmo modo, com a leitura dos fragmentos do romance ainda inédito, fica a impressão de que, a despeito do esforço do autor para “não se repetir”, há uma essência em seu estilo que lhe é própria e da qual, positivamente, não consegue se esquivar. Desse modo, a busca por novas linguagens para seus narradores, muito justificável em função da harmonia entre quem diz e o modo como diz, não consegue apagar a própria linguagem autoral que há por detrás delas, e, com isso, benéficamente particulariza sua escrita, tornando-a peculiar e constante, sem, no entanto, ser a mesma.

¹² Segundo José Cândido, “O livro é a história de um tabelião que enriquece e, depois, empobrece. Mas o que é interessante no livro é que ele é uma pessoa ‘encantada’, ali no livro. Ele fala por três pessoas. Porque nós, você, eu e ele, todos nós temos gente por dentro” (CARVALHO, 2004, p. 109). Cláudia Nina (2011, p. 133) afirma que dessa técnica resulta “um romance complicado, de uma polifonia complexa e perturbadora no melhor sentido”.

Com toda essa preocupação e exigência, fica mais fácil compreender o retardo do lançamento de seus romances. Sobre o árduo processo de composição de *O coronel e o lobisomem*, em específico, José Cândido, em declaração hiperbólica e bem humorada encontrada por Cláudia Nina nos arquivos da ABL, revela:

Esguichei suor de chafariz para escrever as 250 páginas de *O coronel e o lobisomem*. Pinheirais da Finlândia e do Paraná foram convertidos em papel que escrevi e inutilizei em meus largos anos de escriturizações, virgulações e craseações. Uma guerra, uma batalha (CARVALHO apud NINA, 2011, p.51).

Em síntese, José Cândido considerava ficção assunto sério e “difícultoso”. Perfeccionista, o escritor não se permitia, apesar das inúmeras atividades que desenvolveu, tratar com descuido ou incúria suas produções ficcionais. Daí, declarar:

Quanto à ficção, é mato brabo no qual rarissimamente circulo, temente que sou de mordida de cobra e dente de lobisomem. Vejam que não exagero. Publiquei o primeiro livro em 1939 e o segundo precisamente vinte e cinco anos depois. Entre *Olha para o Céu*, *Frederico!* e *O Coronel e o Lobisomem* o mundo mudou de roupa e de penteado (CARVALHO, 2007, p. 12).

Com efeito, o romance *O coronel e o lobisomem* demorou a ganhar forma e vir a público. Seja em função da sua intensa atividade junto a outros setores ou do seu incansável e exigente trabalho de criação e depuração da escrita, há, de fato, um considerável intervalo – ou “um balaio de tempo”, como o próprio autor afirmou – entre seu romance de estreia e aquele que o consagrou – como o haveria também em relação ao que permanece inédito. Por isso, dizia-se um “escritor geracional”, alguém que escreve “de temporada em temporada” (*O Globo*, 27 jan. 1985, p. 10). Para ele, *O coronel e o lobisomem* surgiu em momento tão distante e diferente da época de seu primeiro romance, que “o mundo havia mudado de roupa e penteado”, e completava: “Basta dizer que nos dias de Frederico o mundo andava de aeroplano e agora no tempo do Coronel, o planeta viaja de jato. Nos dias do meu primeiro romance a lua ainda era dos namorados. Hoje é dos astronautas [...]” (CARVALHO, 1984, p.11-12).

Convém esclarecer ainda que a crônica “O Major” insere-se em um conjunto de publicações esporádicas de José Cândido de Carvalho no *Jornal do Brasil*. Foram localizados textos assinados pelo autor entre julho de 1957 e maio de 1959, sendo que a maior parte deles se concentra no ano intermediário deste período, em 1958. Essas crônicas costumavam sair na terceira página do primeiro caderno do jornal, espaço em que se discutiam política e literatura. Junto aos textos de José Cândido, ocupando a mesma página do jornal, eram publicadas produções de outros renomados colaboradores do periódico, como Josué Montello, Tristão de Athayde, Manuel Bandeira, Ferreira Gullar e Fernando Sabino.

A crônica, afastando-se da criação de um espaço autobiográfico do escritor como é típico do gênero, apropria-se da ficcionalidade e da narratividade para tratar da figuração do então “major” Ponciano de Azeredo Furtado. Assim, seu enredo consiste basicamente na apresentação dessa figura por um narrador que rememora e interpreta características e fatos da vida do major. Desse modo, há um narrador em primeira pessoa, que se ocupa em contar uma história da qual é apenas observador, exercendo, portanto, poder absoluto sobre a imagem da personagem descrita. Assim inicia-se o texto:

Qual que! Contador de história foi mesmo velho Ponciano de Azeredo Furtado, o maior patriota exaltado que já se viu em terras e águas de Campos dos Goitacases. Era a própria guerra do Paraguai em pessoa. Só muitos anos depois, lendo o Rocha Pombo e os jornais de domingo, é que me dei conta de que não foi o Major Ponciano o vencedor de Solano Lopes. Que pena! Mesmo assim, o velho ficou sempre de varanda na minha saudade (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1958, 1º caderno, p. 3).

A partir desse trecho inicial, é possível reconhecer algumas informações acerca do narrador e de sua localização espaço-temporal. Campos dos Goytacazes é a cidade natal do cronista José Cândido, mas o tempo em que o narrador da crônica teria vivido é anterior ao da existência do escritor. Isso porque, ao final da crônica, explica-se que Ponciano morrera em 1914, ano de nascimento de José Cândido, logo, se o narrador conhecera o major e inclusive dele sentia “saudades”, não se pode afirmar que a voz narrativa corresponda a uma vivência do autor empírico do texto, a menos que haja um deslocamento temporal na ficcionalização da experiência. De qualquer modo, deve-se frisar que, na crônica, a personagem de Ponciano aparece sob uma focalização externa, ao ter sua vida descrita pelo olhar de um outro que resgata sua história. Por meio dessa focalização, o narrador da crônica apresenta o major como um “contador de história”, desabonando a veracidade de seus feitos. Dessa maneira, Ponciano figura na crônica como alguém que se vangloria por façanhas inexistentes, como o caso citado sobre sua atuação na Guerra do Paraguai, além do que aparece na sequência da narrativa, sobre sua pretensa valentia ao intimidar lobisomens:

– Onde anda esse lobisomem?

É claro que a assombração não aparecia. E Ponciano, no outro dia, nos cafés, *armava seu teatro*:

– Pois foi o Major chegar e o lobisomem aparecer. Vinha de olho em brasa. Foi quando peguei o bicho pelos chifres e gritei: “Estais em poder do Major Ponciano de Azeredo Furtado e de minhas mãos não saíreis” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1958, 1º caderno, p. 3, grifos nossos).

Nas considerações do narrador em destaque, torna-se ainda mais evidente a descrença e o descrédito nas histórias contadas pelo major. Caracterizando ainda a figura antropológica do contador de histórias, afirma o narrador: “[O Major Ponciano] Cultivava um bigode longo,

por baixo do qual, como rio maravilhoso, passavam as melhores aventuras que já ouvi” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1958, 1º caderno, p. 3).

Esse procedimento diferencia-se da técnica utilizada no romance, em que o próprio Ponciano, então como coronel e não mais como major, assume a voz da narrativa e, com a autoridade deste narrar, relata sua vivência e seus feitos. Essa modificação da configuração do narrador entre a crônica e o romance é fundamental, uma vez que altera o modo como a figura é apresentada ao leitor, determinando a visão e a “versão” da história do militar protagonista de ambos os enredos. Enquanto a figura de Ponciano é apresentada, na crônica, sob a perspectiva de um narrador que o toma como um contador de histórias, no romance, por sua vez, a personagem é construída sob a perspectiva que ela própria possui de si. Desse modo, seus feitos insólitos aparecem, na versão romanesca, sob a autoridade de sua própria voz narrativa, que os declara verdadeiros, na maioria das vezes. Assim, no início do romance, é o próprio coronel Ponciano quem faz sua apresentação:

A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo Furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes da infância, com uns padres-mestres a dez tostões por mês (CARVALHO, 1983, p. 3, grifos nossos).

Note-se que a narração, embora ocorra em um momento posterior ao dos fatos narrados, está permeada de verbos no presente, criando certa ilusão de simultaneidade ou presentificação do relato. Com isso, o coronel Ponciano narra seus feitos de uma perspectiva que se aproxima mais da visão limitada da personagem ao vivenciar os fatos, do que do ponto de vista do narrador de memórias, temporalmente distanciado das ações do enunciado. O efeito disso é que o coronel narrador demonstra desconhecer a situação em que se encontra no momento da enunciação, por isso, somente ao final da narrativa, o leitor descobre que esteve diante de um narrador morto. Essa circunstância, no entanto, não transparece ao longo do relato, uma vez que Ponciano parece desconhecer-la ou, ao menos, não admiti-la, já que a compreensão deste estado implicaria justamente o reconhecimento de uma derrocada que o tempo todo buscou escamotear em seu discurso. Desse modo, a despeito da linguagem e de alguns episódios do romance serem fortemente marcados pelo humor, como a trajetória geral do narrador-protagonista é assinalada pela queda que ele quer negar – uma vez que de coronel e proprietário de terras chega à miséria e à morte –, pode-se reconhecer na figura do Ponciano romanesco uma espécie de herói trágico.

Neste ponto, convém lembrar que Ponciano, no romance, por meio da exacerbação da própria masculinidade, virilidade, força, valentia (identificadas em diversas referências

efetuadas no decurso da narrativa, como seu porte físico, a imagem da barba, a voz grave, entre outros) permanece em um constante movimento de autoexaltação. Como o que se observa ao final é um herói decadente, que fora trapaceado por aqueles que julgava serem seus amigos, chantageado pela mulher que amara, e empobrecido, percebe-se o quão frágil era a “veracidade” de seu relato, sempre o colocando sob uma perspectiva positiva e vantajosa. Logo, mesmo quando Ponciano, no romance, assume a voz narrativa e tenta atribuir a si mesmo contornos heroicos e positivos, acaba por revelar suas fraquezas e fragilidades. O leitor encontra-se, portanto, diante do chamado narrador infiel, modalidade de narrador frequente na composição da figura do contador de histórias: o narrador infiel mente deliberadamente ou faz uma falsa ideia de si ou dos fatos que descreve, de modo que sua visão é diferente daquela que se apresenta pelo “autor implícito” do texto (CARVALHO, 1981, p. 47).

Em outras palavras, a figura de Ponciano, quando criada na crônica sob o olhar de um narrador personagem que o observa (narrador homodiegético), assume a configuração explícita – declarada pelo narrador – de um contador de histórias. Já na passagem da crônica ao romance, algo semelhante ocorre, entretanto, de modo mais engenhoso: quando essa narração passa a ser em primeira pessoa (narrador autodiegético), ou seja, quando a figura de Ponciano passa a apresentar a si próprio assumindo a voz da narrativa, ainda assim há uma “voz de fundo”, do autor implícito, que aparece nos deslizos do discurso de Ponciano e, acaba, portanto, evidenciando como o coronel continua a ser um “contador de histórias”, tal como o fora o major da crônica. Em síntese, o discurso de Ponciano – que escreve seus “deixados” à posteridade como prova de sua valentia, como última saída para não se deixar vencer pelas circunstâncias – acaba também por traí-lo e denunciar a personagem frágil que tenta não ser.

Além disso, o próprio coronel revela, em vários momentos, sua tendência a mentir ou a exagerar os fatos, seja ou não em função de histórias sobrenaturais. Assim, as mentiras e exageros surgem com diversas finalidades: para assegurar uma posição de homem sábio e experiente, no caso, em assuntos do campo, perante seus subalternos: “[...] no corpo da discussão inventei uma raça de capim que no conhecimento de ninguém era chegada. Sustentei, em manha de advogado de lei, as prendas da tal forragem. Dei até nome: ‘- Capim-rabo-de-macaco’. Fiz isso por sabedoria.” (CARVALHO, 1983, p. 18); para competir com outras personagens que tentam chamar atenção por histórias de seres sobrenaturais, como na ocasião em que se falava de um ururau: “Repeli a invenção com invenção maior.” (1983, p. 99); para competir quando o assunto era “conferência sem-vergonhista”: “Rebati o avantajado

dele com avantajado igual. Fiz ver, apontando o queixo, que um terço de barba perdi em roçar cangote de donzela militante. – Ou mais, seu compadre, ou mais.” (1983, p. 111); para convencer o padre a visitar o pervertido Juju Bezerra, seu amigo, em agonia de morte: “Sou de muito inventismo, um danado em fazer render uma parolagem – um fio de cabelo vira corda no meu trançado. [...] Inventei, espichei, pois em missão piedosa não tenho pejo de mentir e avantar.” (1983, p. 156); ou para convencer a velha Francisquinha a deixá-lo ir para a cidade: “O pior foi engambelar Francisquinha, que não queria deixar seu menino seguir viagem. Inventei imposição do governo, dever do meu ofício de coronel: - Missão de rotina, coisa de somenos.” (1983, p. 153).

Alertas da pouca confiabilidade do discurso do coronel Ponciano podem ser encontrados inclusive nas falas de outros personagens, como percebeu seu avô: “Esse menino tem todo o sintoma do povo da política. É invencioneiro e linguarudo” (1983, p. 3). Note-se o efeito de humor criado pelo uso da palavra “sintoma”, que remete à doença, indicando uma crítica ao “povo da política”. As mentiras de Ponciano surgem também nos momentos em que narra mais de uma vez o mesmo acontecimento como, por exemplo, quando depois de ter sido rejeitado por uma pretendente, afirma: “Mas o caso é que eu não dava importância a bicho de saia, tratava tudo na ponta da botina, só sabia machucar o coração das pretendentes” (CARVALHO, 1983, p. 158). O mais grave é que Ponciano parece se convencer dessas e outras mentiras.

Nesses pontos da narrativa, o leitor, apoiado tanto nas revelações deliberadas do coronel quanto nas mentiras que ele deixa escapar, adquire um conhecimento mais abrangente da situação que o próprio narrador, cuja visão dos fatos é limitada e distorcida em função de não admitir as situações desfavoráveis por que passa. Passagem semelhante ocorre quando Vermelhinho, o galo do coronel, está perdendo uma disputa com o de Caetano de Melo. Nessa altura do relato, afirma o narrador: “Reavivei a barba para mostrar segurança, acendi o charuto” (CARVALHO, 1983, p. 133). Ao contrário do modo como o Ponciano romanesco justifica seu comportamento, o leitor compreende que a atitude de acender o charuto e torcer a barba são antes ações advindas de sua preocupação e nervosismo, e não da “segurança” que ele diz querer demonstrar com tais gestos. Exemplar dessa atitude, no entanto, é o modo como Ponciano tenta camuflar sua falta de coragem e justificar aos outros (e também a si mesmo) sua “impossibilidade” de agir nas ocasiões em que é convocado a enfrentar alguma situação de risco. Quase como uma espécie de bordão, mas com muitas variantes, por várias vezes o coronel busca explicar-se por um impedimento de ordem militar, em razão de sua patente: “Não podia eu, sem deslustrar a patente, levar a guerra aos pastos de Badejo dos Santos [...]. –

É da pragmática militar, seu João Ramalho. É dos regulamentos da guerra, seu compadre” (CARVALHO, 1983, p. 28). Situações como essa são recorrentes na obra e se revelam altamente irônicas, uma vez que o leitor reconhece a distância entre aquilo que se afirma e o que, de fato, acontece. A ironia, portanto, aparece como um procedimento narrativo articulado à construção dessa modalidade de narrador não confiável.

O narrador infiel de *O coronel e o lobisomem*, enquanto herói trágico, não consegue, no entanto, despertar antipatia no leitor, uma vez que muitas das mentiras que afloram nas entrelinhas de seu discurso revelam não a sagacidade e esperteza que autoproclama possuir, mas sim sua ingenuidade e vulnerabilidade no mundo que o cerca. Daí a simpatia que essa personagem complexa consegue despertar nos leitores, ao querer parecer poderoso, mas, revelar-se sensível, em um misto de força e bondade, como bem ilustra o seguinte trecho: "De coração compadecido, mas ainda em berro autoritário, mandei que ficasse de pé [...]" (CARVALHO, 1983, p. 24, grifos nossos).

Do mesmo modo, Ponciano, como major na crônica de 1958, inspira também a empatia do leitor ao proclamar-se poderoso, mas, pela denúncia do narrador, revelar-se frágil. O tom lírico do final da crônica é outra antecipação do que seria desenvolvido no romance de 1964:

Mas regressou [da guerra] melancólico, cheio de rosas murchas na alma. [...] Quando começou a vestir a sua farda velha e empoeirada, eis que uma porta se abre e uma lança de vento penetrou nas costas largas do bravo homem de armas. Vento traiçoeiro. Se viesse de frente, com bravura e honestidade, bem que o Major o mandaria para as profundezas do inferno. Mas, assim, à traição, o comedor de fortalezas não pôde fazer nada. Achou melhor morrer de verdade. E morreu na cama, cheio de sinapismos e beberagens. Partiu para os arsenais de Deus de maneira mansa. Um passarinho que se afundasse em chá de erva doce... (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1958, 1º caderno, p.3).

Assim, por essa comparação, nota-se que o protagonista da crônica já antecipava em sua trajetória elementos que seriam depois desenvolvidos no romance. A combinação de humor e tragicidade e a fantasia como resolução do conflito entre aquilo que se aspira ser e o que, de fato, se é já estavam, portanto, anunciados na figura do Ponciano que emergia em 1958. Heróis em desajuste com o mundo que os cercam, major e coronel, contadores de história, precisavam buscar refúgio no reino da imaginação, em que poderiam ser o que desejassem. O modo como isso ocorre, no entanto, é diferente nas narrativas em função do foco narrativo. Nesse sentido, o romance ganha em sofisticação quando se vale de um narrador infiel que, ao contar suas histórias mirabolantes, é traído por seu próprio discurso.

Referências

- CAMPOS, Geir. O coronel e o lobisomem. *Última Hora*, 20 jul. 1963, p. 3.
- CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo de consciência*: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.
- CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*: deixados do Oficial Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da Praça de São Salvador de Campos dos Goitacases. 53. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- _____. Depoimento à ABL. [jun. 1987] Depoimento concedido a Maria Cláudia de Mesquita e Bonfim. In: FERREIRA, Avelino. *José Cândido de Carvalho, vida e obra*. Campos dos Goytacazes: Faculdade de Direito de Campos, 2004, p. 64-122.
- _____. Às vezes penso que o Brasil não existe. [set. 1984]. Entrevista concedida a Bella Jozef. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 set. 1984. Caderno Cultura, p. 11-12.
- _____. *O coronel e o lobisomem*: deixados do Oficial Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da Praça de São Salvador de Campos dos Goitacases. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- _____. José Cândido de Carvalho, o acadêmico: detesto pessoas arrumadinhas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 mai. 1974. Caderno Cultura, p. 33.
- _____. A campanha silenciosa de JCC por uma vaga na Academia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 set. 1973. Escolar, p. 22-23.
- _____. José Cândido de Carvalho – Literatura compensa quem não conseguiu atravessar o Rubicão. [set. 1971] *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 set. 1971. Segunda seção, p. 2.
- _____. O coronel e o lobisomem. [jun. 1964] Entrevista concedida a Eneida de Moraes. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1964. Suplemento Literário, p. 2.
- _____. O Major. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16. ago. 1958. 1º Caderno, p. 3.
- _____. [Carta] 20 nov. 1957, Rio de Janeiro [para] SODRÉ, Nelson Werneck. 1f. Anuncia novo romance. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1353556.jpg> Acesso em: 18 abr. 2013.
- _____. Conversa sem importância. *A Noite*, Rio de Janeiro, 27 out. 1953. Ilustrada, p. 27.
- FARIA NETTO, João Luiz. José Cândido, onde está Frederico?. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 mar. 1974. Suplemento Livro, p. 3.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. A Noite. [s.d.]. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>> Acesso em: 03 de mai. 2013.
- IMPRENSA OFICIAL. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. [s.d.]. Disponível em: <<http://pt.io.gov.mo/Links/record/498.aspx>> Acesso em: 25 abr. 2013.
- IPEA. Nelson Werneck Sodré - Perfil. *Desafios do Desenvolvimento*. Brasília, ano 8, n. 68, p. 85, out. 2011. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/desafios/images/stories/PDFs/desafios068_completa.pdf. Acesso em: 01 fev. 2014.

MAIA, Augusto. Romancista esquecido. *A Noite*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1952, p. 3.

MIRANDA, Tavares de. O louvor do lobisomem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 jan. 1971. Ilustrada, p. 14.

NINA, Cláudia. *ABC de José Cândido de Carvalho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

PACHECO, Armando. Novo livro de José Cândido de Carvalho. *A Noite*, 17 ago. 1954, Ilustrada, Carroussel Literário, p. 36.

SALES, Herberto. Boa noite, meu coronel!. In: CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*: deixados do Oficial Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da Praça de São Salvador de Campos dos Goitacases. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 305-315.